

Quatro negros, entre a esperança e o questionamento.

Elaine dos Santos¹

RESUMO: Este texto apresenta uma reflexão sobre a literatura produzida no Rio Grande do Sul desde o século XIX, observando-se os aspectos referentes ao processo de mitificação e desmitificação do homem campeiro para, na sequência, a partir da novela *Quatro negros*, de Luis Augusto Fischer, analisar o papel da mulher na sociedade gaúcha e a forma como ela, através da personagem Janéti supera a adversidade que não foi enfrentada, por exemplo, por Guedes, personagem principal de *Porteira fechada*. A proposta é, portanto, fazer uma leitura de *Quatro negros* como uma obra que indaga o tempo presente, a sociedade presente sobre as possibilidades de inclusão de uma região abandonada do ponto de vista econômico e social.

Palavras-chave: literatura gaúcha; monarca das coxilhas; *Quatro negros*.

Quatro negros, between hope and questioning

ABSTRACT: This text presents a reflection about the literature produced in Rio Grande do Sul since 19th century, observing aspects related to the process of mythologizing and demythologizing the pampas man. In sequence, from the novel *Quatro negros*, Luis Augusto Fischer analyzes the role of women in the *gaucho* society, and how Janéti character overcame adversity, which has not been faced, for example, by Guedes, in the novel *Porteira fechada*. The proposal is, therefore, to do a reading of *Quatro negros* as a novel that asks the present time, the present society about the possibilities for inclusion of an abandoned region from the standpoint economic and social.

Keywords: gaucho literature; monarch of pampas; *Quatro negros*.

Em face do povoamento tardio, do analfabetismo que grassava a província do Rio Grande de São Pedro e da ausência de editoras que disseminassem, sistematicamente, uma cultura letrada (ZILBERMAN, 1992), a literatura gaúcha somente apareceria como tal a partir da fundação da Sociedade Partenon Literário em Porto Alegre, no ano de 1868, ainda que

¹ Doutoranda em estudos literários pela UFSM. Santa Maria, RS, Brasil. e.kilian@gmail.com

manifestações esparsas possam ser rastreadas nos anos anteriores, assim é que: ã(...) o início efetivo da literatura no Rio Grande do Sul coincide com o trabalho dos escritores que tomaram parte nessa agremiação. (ZILBERMAN, 1992, p. 13).

As principais ideias dos membros do Partenon difundiam-se através de sua Revista Mensal, lançada em 1869, e trouxeram ao Rio Grande do Sul um Romantismo tardio, que se manifestou em duas vertentes: uma temática lírica, amorosa, e o processo de fixação do campeiro sul-rio-grandense como herói, ou mais claramente, um mito: o monarca das coxilhas, seguindo a tradição nacional definida por José de Alencar no tocante à exaltação ao regionalismo e às qualidades dos homens que forjaram a nação.

A meio caminho do ambicioso programa nacionalista que se propôs, Alencar traçou uma oposição explícita entre a civilização europeia dos conquistadores e o "novo mundo" destinado à regeneração da humanidade. Serviu-lhe o *gaúcho*², exemplarmente, porque ele acreditava divisar uma "alma pampa" cujos atributos básicos são força, beleza, nobreza, coragem, altivez, pundonor, brio, fundidos numa solda moral, a "consciência de liberdade" (CHAVES, 1999, p. 71)

Ocorre que Alencar jamais estivera no Rio Grande do Sul, mas, apesar disso, forjou uma tradição, ora com o intuito de corrigir-lhe as imperfeições romanescas, ora com o propósito de acrescer, ampliar as ideias decalcadas sobre a figura de Manuel Canho, herói de *O gaúcho*. Uma das obras mais conhecidas e que surgiu com a finalidade de trazer novos elementos a respeito da cultura gaúcha, revisando eventuais equívocos alencarianos, foi *O vaqueano*, de Apolinário Porto Alegre, um dos próceres do Partenon. "Em *O vaqueano*, de 1872, o herói do título representa o homem livre dos pampas" (ZILBERMAN, 1992, p. 49)

Cumprе ressalvar, porém, que a literatura popular já havia forjado um modelo mítico, homem valente, disposto aos mais variados desafios, mas também fanfarrão, conforme se lê nas quadrinhas: "Ser monarca da coxilha, / foi sempre o meu galardão. / E quando alguém duvida / descasco logo o facão." (CHAVES, 1999, p. 70) Assim sendo, caso singular registra-se em que a literatura culta concede *status* ao modelo popular, define-lhe as principais qualidades, as quais chegarão ao ápice em *Contos gauchescos*, de 1912, publicado por Simões Lopes Neto.

O conjunto de contos de Simões Lopes é introduzido por um narrador anônimo que apresenta Blau, aquele que se encarregará de narrar os fatos que se desenvolvem ao longo dos contos.

² Grifo do autor

Genuíno tipo ó crioulo ó rio-grandense (hoje tão modificado), era Blau o guasca sadio, a um tempo leal e ingênuo, impulsivo na alegria e na temeridade, precavido, perspicaz, sóbrio e infatigável; e dotado de uma memória de rara nitidez brilhando através de imaginosa e encantadora loquacidade servida e floreada pelo vivo e pitoresco dialeto gauchesco. (LOPES NETO, 1998, p. 14)

Já no conto inicial, *ÕTrezentas onçasõ*, as qualidades de Blau destacam-se: a sua íntima relação com a natureza, a honestidade, a hombridade e, assim, ao longo das demais narrativas, surgem novas personagens que reduplicam as características do narrador, sejam seres fictícios, sejam seres reais que são introduzidos nas histórias do *õguasca sadioõ*, como é o caso de Bento Gonçalves e Onofre Pires, protagonistas de *õDuelo de farraposõ*, em que a honra, o respeito são notas dominantes: mesmo estando em condições de matar Onofre Pires, o chefe maior dos farrapos ajuda-o a levantar-se, montar o seu cavalo e encaminha-o para o grupamento. Ferido, Onofre Pires morre alguns dias depois.

Contudo, Zilberman (1992) aponta uma novidade no conto *õO boi velhoõ*:

O sacrifício do animal representa a ruptura, por se cortarem os laços sagrados que unem o indivíduo ao meio natural, característico do pensamento mágico do homem do campo. E fazê-lo por dinheiro significa interpolar nesta relação um valor materialista que deveria inexistir, para não se perder o equilíbrio tanto social, quanto físico, com o espaço geográfico (...)

-O boi velhoõ introduz elementos até então ausentes nos contos: a autoridade (...) e a influência econômica. A interferência deles anula a harmonia peculiar à sociedade gaúcha, cuja força era tanta, que podia absorver ó e mesmo admirar ó a violência que a fazia bárbara e indisciplinada. (ZILBERMAN, 1992, p. 58)

Na verdade, o conto *õO boi velhoõ* sinaliza um processo que vinha sendo instaurado nas produções literárias sulinas, trata-se do fim da sacralização do homem campeiro, que se dá, exemplarmente, pela entrada do capital nas relações estancieiras e que já fora enunciada em *Ruínas vivas*, de 1910, de Alcides Maya, e pelos desmandos políticos que consagraram o longo domínio de Júlio de Castilhos e Borges de Medeiros como presidentes do estado, sendo que o último foi francamente ironizado em *Antonio Chimango* (1915), texto composto em rondas por Ramiro Barcelos e que deprecia o despotismo, a inércia do político caçapavano.

Legatários do Modernismo que se propunha a dessacralizar o modelo que fora erigido pelos romancistas românticos (BERND 1992), os prosadores gaúchos assumiram um novo posicionamento em face do homem rural a partir da década de trinta do século XX, seguindo também os procedimentos adotados pelo chamado romance de 30, que se caracterizou, entre outros aspectos, pela crítica social. Neste sentido, não somente o homem

do campo, o peão, foi tematizado pelas narrativas literárias sulinas, mas também o cidadão urbano corroído pela emergência de uma sociedade capitalista como é o caso paradigmático de *Os ratos*, de Dyonélio Machado.

A desmitificação do monarca das coxilhas aconteceria pelas letras de Cyro Martins, em sua trilogia do ôgaúcho a pé: *Sem rumo*, *Porteira Fechada* e *Estrada Nova*; de Ivan Pedro de Martins com *Fronteira agreste*, *Caminhos do sul* e *Casas acolheradas*; de Pedro Wayne, *Xarqueada*; de Aureliano de Figueiredo Pinto, *Memórias do coronel Falcão*, seguindo uma linha que ainda encontraria representantes nos anos de 1970 e 1980 como é o caso dos romances *Camilo Mortágua*, de Josué Guimarães, *Bacia das Almas* e *A prole do corvo*, de Luís Antônio de Assis Brasil.

Cyro Martins constitui o autor mais produtivo do período; a temática rural ocupa grande parte de sua obra [que] forneceria nova visão do herói tradicional dos pampas, apresentando em seu estado atual: de penúria econômica e desenraizamento social, já que foi jogado para fora do campo, vivendo como pária da sociedade urbana. (ZILBERMAN, 1992, p. 83)

Porteira fechada, de Cyro Martins, é um dos exemplos mais recorrentes quando se trata da temática do gaúcho desmitificado. Guedes, seu protagonista, é expulso das terras que arrendava e passa a viver em uma pequena cidade, ironicamente denominada Boa Ventura, sem conseguir emprego, posto que os seus conhecimentos, os saberes de ofício, voltavam-se todos para as lides campeiras. Sem ocupação fixa, acaba por apelar ao roubo, até morrer (...). Nos três anos em que vive com a família, em Boa Ventura, perde duas filhas, a primeira, prostituída, e a segunda, tuberculosa. (ZILBERMAN, 1992, p. 84) A trajetória de Guedes é ilustrativa daqueles homens campeiros expulsos do campo com a mecanização da lavoura e a produção da pecuária na modalidade intensiva, confinada, que diminui a necessidade de mão de obra específica, barateou os custos, mas aumentou, significativamente, o desemprego no campo e a miséria às margens das cidades ó no caso, a fictícia Boa Ventura.

João Guedes, um dos assíduos frequentadores do boliche do capitão, mudara-se da campanha havia três anos (...). Ao morrer, não tinha vintém nos bolsos e fazia dois meses que saíra da cadeia, onde estivera preso por roubo de ovelha.

A história da sua desgraça se confunde com a da maioria dos que povoam a aldeia de Boa Ventura, uma cidadezinha distante, triste e precocemente envelhecida, situada nos confins da fronteira do Brasil com o Uruguai. (MARTINS, 2001, p. 20)

A narrativa, pois, inicia-se com a notícia da morte de João Guedes e o seu velório, seguindo-se, a partir daí, uma retrospectiva que inclui a notícia sobre a venda do pequeno

pedaço de terra que arrendava e que fora comprado para engorda de gado, o prazo para desocupação do espaço, a transferência para a periferia da cidade, a lenta desagregação da família e, paulatinamente, o afastamento da identidade que o vinculava ao campo, uma identidade que ficara na memória, nas longas horas de recordação embebidas pela cachaça no boliche do Capitão Fagundes.

E o copo de caninha, um copo de vidro espesso, sujo, passava de mão em mão, sorratamente, voltado por fim ao ponto de partida em cima do mostrador, sobre a parede, atrás do freguês que estava de pé (...).

Recém agora eles deram mostra de haver compreendido que tinham de ir embora, começando por juntar umas coisas (...). Foram saindo devagar, como *arrastados*³, um depois do outro, dando cada qual o seu *boa-noite* abafado, que o bolicheiro mal correspondia com um aceno de cabeça (MARTINS, 2001, p. 66).

A desagregação moral parecia o passo posterior e ela veio sob a proteção do bolicheiro, acostumado a comprar *õpelegosö* de ovelhas. *õGuedes* compreendeu que o propósito manifestado pelo Fagundes de desenvolver *esse negócio* era uma insinuação para o roubo em comum organizado, e teve ganas de *esbofeteá-lo* pelo seu atrevimento. *õ* (MARTINS, 2001, p. 73)

As necessidades familiares, contudo, obrigariam Guedes a ceder. Acostumado a lidar com os animais, sabia como prendê-los, matá-los, extrair-lhes o couro e, na sequência, repassá-lo ao comerciante em troca de alimentos ou algum dinheiro. Em tudo isso, Guedes contava com o silêncio e a convivência da mulher, Maria José, que não esmorecera, esforçava-se no trabalho de costura para conceder uma dignidade mínima à família, sem, no entanto, condenar o marido, afinal, aquela tornara-se a principal fonte de renda deles.

João Guedes foi negaceando, no manso, confiante, seguro da sua perícia em pegar ovelha pela pata. De repente, palpitou-lhe algo inesperado. Relanceou as vistas assustadas e teve a representação de dois vultos subindo a encosta. E agora? Fugir seria arriscar-se a receber uma bala por trás. Dar peleia, uma estupidez. Entregar-se, afigurou-se-lhe o mais razoável (...).

Sim, era a polícia, era o maneador atando as pernas por baixo da barriga do cavalo, era a cadeia, o cascalho, a degradação, o fim! (MARTINS, 2001, p. 84)

Ainda que tentasse a libertação do marido através da intervenção da prima Querubina, pertencente a elite econômica de Boa Ventura, Maria José não obteve sorte, posto que o marido roubara exatamente ovelhas na propriedade do pai do futuro genro de Querubina, rapaz que postulava um cargo político e que não tencionava envolver-se em um

³ Grifo nosso.

caso miúdo, de roubo de animal. Guedes, por seu turno, acostumara-se à vida na cadeia, tinha comida, dormia tranquilamente: “Proseava com os outros presos, enchia o mate para os soldados” (MARTINS, 2001, p. 107). Levado a julgamento:

O réu foi condenado a três meses de prisão celular, por três votos contra dois. Entretanto, soltaram-no nessa mesma tarde, com vinte dias de saldo. A pena já estava mais que cumprida (...). Na sua ignorância, acreditara que o seu crime seria punido com uma pena de anos. E como estava velho, dera-se por homem acabado, conformando-se com a ideia de morrer na cadeia. Por isso a liberdade pegara-o desprevenido, imprevistamente. (MARTINS, 2001, p. 107)

A miséria que rondava o seu lar, ainda levá-lo-ia a sofrimentos maiores: vendeu o cavalo, já muito magro, ainda assim representante da altivez do outrora monarca das coxilhas que cruzava o pampa com galhardia. Mais tarde, porém, a ruptura entre o homem rural e o “trapo de gente” que deixara a prisão efetivar-se-ia: desfazer-se dos arreios do cavalo; cortar, em definitivo, os laços campeiros; tornar-se um gaúcho sem cavalo, sem identidade, seria o golpe fatal:

Maria José seguia-lhe os movimentos com olhar pasmo (...).

Viu-o agachar-se, estender o braço para debaixo da cama, puxar os arreios e botá-los no ombro (...).

Guedes saiu a passos trôpegos pelo caminhozinho pedregoso, levando os seus arreios de campeiro para vender ao primeiro que lhe desse vinte ou trinta mil réis. Cortava assim o último tento que o prendia à vida passada. Curvava-se à fatalidade, cedendo a um desígnio doloroso de gaúcho “de a pé” (MARTINS, 2001, p. 113)

Caminhando irremediavelmente para a morte física, Guedes é apenas um representante da série de trabalhadores rurais que a modernização econômica das estâncias expulsou do campo, em que a mesma modernização significava também o avanço político das elites estancieiras ao governo central representado pela ascensão de Getúlio Vargas em 1930. Zilberman (1992) explica:

(...) o leitor testemunha o funcionamento do poder político e social na cidade; uma prima de Maria José, esposa de Guedes, casara com um próspero funcionário e via agora sua filha contrair matrimônio com Helio Bica, herdeiro das terras onde residira o reideiro [Guedes]. Acima de todos, domina o Coronel Ramiro, no momento fora da Intendência, mas ainda temido por todos. (ZILBERMAN, 1992, p. 84)

A nova elite estancieira, que encaminha os seus filhos para os cursos universitários na capital do estado, ignora a miserabilidade daqueles que foram desalojados, expulsos da terra ou, em último caso, logram-lhes alguma esmola, algum benefício esporádico, fazendo-o em nome de uma suposta fé, em nome da caridade cristã. Enquanto isso, o homem rico e o

homem miserável perdem o vínculo telúrico, desfaz-se a figura mítica do monarca, peão nos tempos de paz, soldado nos tempos de guerra; desconstrói-se o ideal de igualdade que irmanava peão, capataz e estancieiro, sobressai-se o capital, a posse, o poder em todas as suas acepções.

Guedes protagoniza a história, mas o valor de demonstração dessa não depende unicamente da evolução de suas desgraças. A seu lado colocam-se outras figuras menores, como o Capitão Fagundes, Quevedo, João Biga, o carreteiro Euzébio Maneco, que compõem o painel de desenraizamento do homem de quem foram tiradas as terras e, portanto, o solo sobre o qual se plantava a existência. (ZILBERMAN, 1992, p. 84)

O capítulo final de *Porteira fechada* é, neste sentido, exemplar, posto que, enquanto na miserável Boa Ventura desenvolvia-se o enterro de João Guedes, nos campos em que ele, outrora, trabalhara, retirara o sustento da terra, uma manada de bois engordava: õSeiscentos novilhos pastavam folgadoamente entre as altas cercas de sete fios e madeirama de lei que a tapavamö (MARTINS, 2001, p. 151), restando apenas õtaperasö, algumas árvores, sinais que, naquele chão, um dia, houvera moradia humana.

Por outro lado, se o Rio Grande do Sul não atraiu povoamento que o individuasse, as primeiras mulheres que ocuparam a antiga Província de São Pedro foram de origem indígena e, da relação entre elas e os homens brancos que vinham à região em busca de gado, os primeiros gaúchos ou sul-rio-grandenses nasceram e ocuparam as terras ao lado de militares portugueses. Mais tarde, porém, as levas de colonizadores europeus: açorianos, alemães, italianos, poloneses, suíços conformaram o vasto painel étnico do Rio Grande do Sul, ao qual se deve agregar o negro que, sobretudo, trabalhava nos saladeiros, nas charqueadas, posto que a lida campeira concedia-lhe a liberdade que a sua condição escrava negava-lhe.

Zilberman (1985), referindo-se às mulheres rio-grandenses, observa que:

Alguns depoimentos de visitantes estrangeiros e de alguns ativistas no século XIX ilustram o modo como a mulher era considerada e a posição inferior que ocupava, mesmo no âmbito da vida doméstica. (ZILBERMAN, 1985, p. 74)

A autora ainda acresce a falta de vaidade dominante entre as mulheres sulinas, a ausência de atrativos e divertimentos, como se as jovens senhoras representassem, na prática, a primeira escrava da casa. Esta situação tenderia à mudança quando alguns educadores, membros do Partenon Literário, começaram a trabalhar em favor da alfabetização da mulher, considerando que õelevá-la consistia em conferir-lhe condições para assumir a função que lhe

caberia na emergente sociedade urbana e burguesa: o papel doméstico e materno, obedecendo às reputadas leis da natureza. (ZILBERMAN, 1985, p. 77) Acrescente-se, ademais, que a moral positivista, à moda castilhistas, ainda segregaria mais a mulher, relegando-a às atividades domésticas no limiar do século XX (ISMERIO, 1995).

Ainda que algumas poetisas tenham se destacado ao longo do século XIX, como Luciana de Abreu, Ana Eurídice de Barandas, Amália Figueiroa, somente a partir dos anos 1940, já consolidado o movimento renovador modernista, é que a produção de autoras femininas começaria a tomar impulso no Rio Grande do Sul, como é o caso de Lila Ripoll, uma das precursoras desta nova trajetória. Por outro lado, como personagem, a mulher sempre figurou, como figura secundária, em narrativas em prosa, assim como em versos. São conhecidas, por exemplo, Ana Terra e Bibiana Cambará, de *O tempo e o vento*, de Erico Verissimo, ainda que alguns autores postulem qualidades masculinas às duas mulheres que somente se sobressaem ao atingir o *status* de *õcomandantesõ* da família (ALMEIDA, 1996). Ainda assim, é possível citar outros casos em que a teia narrativa traz a mulher como ponto de referência, merecendo destaque a sua compreensão do mundo e o enfoque que ela dá para a sociedade em que se insere, sendo, neste caso específico, um exemplo contundente a produção literária de Lya Luft (ZILBERMAN, 1992).

Assim posto, a empreitada de Fischer mostra-se ousada. Na novela *Quatro negros*, lançada em 2005, o narrador traz à cena uma mulher pobre, negra, egressa da metade sul do estado e, portanto, de uma região marcada pela criação extensiva de gado e pela miserabilidade dos peões. Trata-se de Janéti, *õcom i no fim*, mas sem acento no registro, uma pequena vergonha para ela, porque é português mal escrito. (FISCHER, 2005, p. 9)

A menina pobre nasceu em uma cidade interiorana, em um lugar pouco acessível, extremamente pobre, filha de um casal de primos e, pouco tempo depois do nascimento, fora entregue para uma família adotiva para que lhe cuidasse, desse alimento, roupa, e a menina aprendesse uma profissão. Janéti fugiu, retornou à casa dos pais e, novamente, foi dada em adoção. Mas, decidida a não se afastar dos seus, a menina voltou. Como a mãe encontrava-se grávida, os pais decidiram que Janéti poderia auxiliá-la nos cuidados com o recém-nascido, que também teria o mesmo destino: a adoção, e assim eles foram nascendo e sendo doados, entregues aos estranhos para não sucumbir à fome, à miséria.

Segue, na novela, uma descrição do *modus vivendi* da metade sul do estado, do conformismo que ainda habita entre aqueles homens e mulheres que aprenderam a lidar com o gado, a cultivar as tradições pampianas em sua plenitude e profundidade, mas que, por outro

lado, não tiveram acesso à educação formal, acostumaram-se a acreditar nas tradições e nos costumes orais, passados de geração em geração. A nota dissonante, neste grupo, é seu Sinhô, a quem compete o segundo capítulo: esperto, observador, ele vincula-se ao mundo branco, distante, desconhecido através de um radinho de pilha e questiona os seus eventuais interlocutores sobre as verdades que o aparelho traz.

Certa ocasião, já tendo entregue cinco filhos para a adoção, os pais de Janéti, como a maioria dos trabalhadores rurais, decidem migrar para a cidade grande. No dia aprazado para a viagem, Janéti desaparece, mas isso não parece preocupar os pais: “Era o fim de uma vida; mas era o começo de outra” (FISCHER, 2005, p. 34), pensava o pai com o olhar fixo no nada, quando, então, Janéti apareceu:

E aí, sem nenhum anúncio, sem alarde, com timidez e silêncio, aparece Janéti (...), rebelde e autônoma, trazendo consigo os cinco outros irmãos que haviam sido dados (...). Os cinco, com quem manteve o laço do afeto irracional e primeiro, mais de mãe que de irmã (...). Traz os cinco consigo, todos de mãos dadas (...). Chegam em silêncio, nada dizem, e nada se lhes pergunta.

Chega o ônibus; sobem nele as nove criaturas. (FISCHER, 2005, pp. 34-35)

E, assim, a vida da família recomeça na capital. Todos crescem, o filho mais velho afasta-se da família, constitui a sua própria história e, quando reaparece, em seguida, morre. Janéti ampara os pais em sua velhice, leva as duas filhas para conhecer a terra miserável em que nasceu, mas as meninas, acostumadas às comodidades urbanas, não demonstram qualquer interesse por aquela terra íngreme, sem o conforto que lhes parece comum na região metropolitana em que habitam. Janéti trabalha, constrói e reconstrói, a cada dia, uma história de amor, assenta-se sobre si a história de uma família, ela é a família que não deixou se esfacelar. Independente disso, o narrador enfatiza que Janéti traz em si todas as contradições do ser humano, não é, portanto, uma personagem idealizada, que foge ao contexto em que se insere, mas resultado de um grupo de gente que ousa, que luta, que acredita e segue em frente: “Janéti ama o mundo de um jeito poderoso e inexplicável” (FISCHER, 2005, p. 107)

Além da nota explícita de esperança no ser humano, o narrador de *Quatro negros* retoma a paisagem sulina na região do pampa, dedicado ao gado, móvel inicial para a ocupação do Rio Grande do Sul. O quadro que se descortina diante do leitor não difere muito daquele posto pelo narrador de *Porteira fechada* ó a cidade pequena, os homens do campo arredios, não acostumados ao meio urbano, mas, acima de tudo, se sobressai uma apatia, um conformismo em *Quatro negros* que, em tudo, lembra Guedes e seus amigos no bolicho, recordando outros tempos, esperando soluções:

Só se animavam quando um ou outro evocava uma história da vida de *ãdantesø*. Esse *ãdantesø* tão frequente na boca daqueles derrotados, parecia se referir a um período mais longínquo do que o era realmente, a uma época que pertencera a poucos, aos escolhidos pela sorte, uma era de larguezas inacreditáveis, de abundância, de bravura, de vitórias, vividas por homens guaposø Hoje em dia...Bah! (MARTINS, 2001, p. 74)

A nota dissonante, no entanto, fica por conta de Janéti, indicando que o meio, a adversidade são capazes de forjar seres arredios, mas também seres seguros e confiantes que a mudança é possível. Neste sentido, não se pode olvidar que a longa tradição sulina de guerras fronteiriças pôs, em muitas ocasiões, a mulher à frente das estâncias, das pequenas propriedades arrendadas, obrigando-a a tomar decisões, manter a ordem, garantir o abastecimento das tropas, a unidade familiar. Janéti, portanto, egressa deste mesmo meio, traz consigo a verve, o sangue que ecoa pela liberdade, é um rasgo de esperança em uma gente que vive a miséria ó ðFamília pobre, num ambiente pobre, num meio social pobre em que a visão do mundo é muito pobre tambémö (FISCHER, 2005, p. 11), posto que Janéti nada mais é que a trajetória de vida, ficcionalizada, da mulher Claudeti Macedo, uma funcionária de escola na região de Porto Alegre, conforme enuncia o narrador: ðÉ uma história verdadeira, pelo menos em parte.ö (FISCHER, 2005, p. 7) Repete-se, neste ponto, que se trata de uma obra de esperança no ser humano, na sua capacidade de superar a adversidade histórica: é interdito ao leitor o presente de Claudeti, mas lhe resta a coragem da menina que, em uma cidade interiorana, em uma sociedade marcadamente patriarcal, ousou e construiu um futuro para os seus: ð(...) no fundo do ônibus; ela está cercando sua família, protegendo-a, dizendo com o seu corpo que tudo vai dar certo.ö (FISCHER, 2001, p. 109)

Por fim, cabe observar que a sociedade sulina, assentada na agropecuária, exclui um imenso contingente humano, mas que homens como o seu Sinhô mostram que este grupo de habitantes, postos à margem da globalização, do progresso econômico, não se encontram desconectados dos avanços tecnológicos e, ainda que o façam nos limites das suas capacidades cognitivas, não deixam de refletir sobre a atual situação, sobre a sua situação ó se o ambiente é o mesmo; os seres ó ficcionais ou reais ó talvez já não o sejam e, neste sentido, a obra de Fischer adquire um caráter problematizador, posto que indaga o leitor e, através dele, a sociedade sobre o que se tem feito para mudar o quadro que domina, especialmente, a região sul, fronteira com os países do Prata.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALMEIDA, L. *A sombra e a chama*. As mulheres do tempo e o vento. Santa Cruz do Sul: EdUNISC, Porto Alegre: EdUFRGS, 1996.

BERND, Z. *Literatura e identidade nacional*. Porto Alegre: EdUFRGS, 1992.

CHAVES, F.L. *História e literatura*. 3.ed. Porto Alegre: EdUFRGS, 1999.

FISCHER, L.A. *Quatro negros*. 3. ed. Porto Alegre: L&PM, 2008.

ISMÉRIO, C. *Mulher*. A moral e o imaginário 1889-1930. Porto Alegre: EdiPUCRS, 1995.

LOPES NETO, J.S. *Contos gauchescos*. 2ed. São Paulo: Ática, 1998.

MARTINS, C. *Porteira fechada*. 11.ed. Porto Alegre: Movimento, 2001.

ZILBERMAN, R. *A literatura no Rio Grande do Sul*. 3.ed. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1992.

_____. *Literatura gaúcha*. Temas e figuras da ficção e da poesia do Rio Grande do Sul. Porto Alegre: L&PM, 1985.

Recebido em 16 de dezembro de 2012.

Aprovado em 01 de janeiro de 2013.